

Em meio à busca por modelos de revistas de sucesso nas quais pudéssemos nos inspirar para melhorar a organização, formatação e organização da Revista *Habitus* nos deparamos, em uma destas revistas consultadas, com um artigo que se tratava exatamente de uma análise de como a presença da Internet impulsionou transformações na produção e divulgação do conhecimento científico no mundo nas últimas décadas e, particularmente no caso do Brasil, nos últimos anos. Curioso descobrir que se tratava de um artigo escrito por duas cientistas sociais que, por coincidência, são também professoras da Casa (UFRJ). A leitura foi como um exercício antropológico através do qual fazem-se visíveis, aos poucos, coisas que, de tão óbvias, acabam por escapar às nossas vistas.

É instigante poder pensar a Revista *Habitus* como mais um ator neste conjunto de metamorfoses pelas quais estamos passando nos mundos virtual e real. Além disso, é igualmente estimulante poder pensar a Internet como uma espécie de “biblioteca universal em que dia-a-dia se incorpora, num processo extremamente dinâmico, a informação científica produzida”[1].

A Revista *Habitus* almeja ser, e em parte já é, parte deste grande e crescente acervo. Contudo as autoras também destacam que diante de tal abundância, o processo de filtragem ganha destaque. Nem tudo o que está disponível dispõe da seriedade que deveria. Um tanto quanto intuitivamente sabíamos disso e submetemos todos nossos artigos a um adequado processo de análise e julgamento para que, só então, optássemos por trazê-los aos olhos de um público tão exigente e de análise tão apurada quanto são vocês, nossos leitores. Procuramos fugir desta armadilha.

Podemos fazer com que vocês interajam com nossos autores e eles com vocês sem restrições de espaço e tempo. Acreditamos no potencial desta sociabilidade menos territorializada, pois ela impulsiona a multiplicidade e a multidisciplinaridade do conhecimento em produção como podemos verificar nas contribuições de nossos muito bem-vindos amigos “de fora dos muros” da UFRJ – até mesmo para além das fronteiras do Rio de Janeiro. Mais do que receber estas riquíssimas contribuições “externas” (pomos entre aspas por saber que são tão valiosas com as “internas”), adorariamos saber que podemos fazer com que estas informações viajem por todo o Brasil e que isto incentive ainda mais colaboradores, de todo o país, a contribuir para nossa revista.

É com esperança na potencialidade deste projeto que oferecemos a todos os leitores o nosso terceiro número, no qual constam as seguintes colaborações:

Em “O espaço da ação coletiva na teoria da estruturação de Anthony Giddens”, Felipe Dutra Asensi faz uma análise pormenorizada da obra deste renomado cientista social inglês. O autor desvenda a relação entre a estrutura e a ação das coletividades através da introdução de uma categoria implícita no pensamento de Giddens que o autor do artigo denomina força ontológica.

Na contribuição de Alexandre Fraga, “Da rotina à flexibilidade: análise das características do Fordismo fora da indústria”, o autor aborda os efeitos da transição do “fordismo” para o “pós-fordismo” e as conseqüentes modificações no mundo do trabalho. Destaque para uma nova característica herdada do

sistema de produção fordista observada no Terceiro Setor e no Setor Informal.

No artigo “Representações de gênero na literatura infantil” Silvia Monerat propõe uma leitura original do universo de alguns livros infantis brasileiros produzidos ao longo dos últimos 15 anos, dando destaque para a análise das concepções de gênero presentes nestas obras. Assim, ela observa a existência (ou não) de diferenças significativas quanto aos papéis de gênero desempenhados por meninas e meninos em tais livros.

Em "De reis a Holanda: um debate teórico acerca da construção do Estado e da nação no Brasil", Felipe Nunes dos Santos e Thiago Rodrigues Silame discutem o sistema político brasileiro sob a perspectiva da solução do problema da ordem - construção do Estado -, e em seguida, passam à discussão da construção da nação. Os autores analisam o Brasil dentro do contexto latino-americano e encerram o trabalho mostrando comparações de ensaístas que trabalharam com estas questões sob diferentes pontos de vista.

Já em "Similitudes e contrastes entre Lukács e Ortega y Gasset", Alexander Englander e Andre Bittencourt fazem uma análise comparativa entre dois importantes pensadores da primeira metade do século XX, o espanhol José Ortega y Gasset e o húngaro Georg Lukács, no que se relaciona à teoria do romance.

Temos, por fim, a entrevista com Mary Louise Pratt, professora da Universidade de Stanford e uma das principais referências da chamada “virada literária” da Antropologia. Com ela, pudemos explorar as vantagens oferecidas pela comunicação virtual e conversamos um pouco sobre o contexto de sua formação acadêmica, suas principais influências e questões teóricas.

Também não poderíamos esquecer de agradecer aos pareceristas que colaboraram nesta edição, os professores André Botelho, Aparecida Fonseca Moraes, Marcelo Lacombe, Olivia Cunha, César Gordon e Gláucia Villas Boas, além da contribuição sempre essencial do nosso Conselho Editorial.

Esperamos que todos possam desfrutar este novo número de nossa revista, pois não há maior incentivo ao nosso trabalho que a crescente e fecunda contribuição dos atuais e futuros colaboradores, assim como a preciosa atenção e ricos comentários de nossos prezados leitores.

Para todos, uma boa leitura.

Comitê Editorial - Revista Habitus

[1] Cf. SARTI, Ingrid; RONDELLI, Elizabeth. Informação Científica Virtual. **Mundo Virtual - Cadernos Adenauer**, Rio De Janeiro, v. 4, n. 6, p.123-132, abr. 2004.